

Cultura, linguagem e saúde: práticas de cura NA/DA Amazônia Tocantina, Cupijó, Cametá-PA

Culture, language and health: healing practices IN/OF the Amazon Tocantina, Cupijó, Cametá-PA

DOI:10.34117/bjdv8n3-425

Recebimento dos originais: 27/01/2022

Aceitação para publicação: 25/02/2022

Márcia de Jesus Oliveira Valente

Mestrado em Educação e Cultura

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura,
Campus Universitário do Tocantins da Universidade Federal do Pará
Projeto Arbocontrol Rede Norte Pará - Cametá

Endereço: Rua Padre Antônio Franco, 2617, Cametá – PA, Brasil, CEP: 68.400.000

E-mail: jesusvalente100@hotmail.com

Andrea Silva Domingues

Doutorado em História Social

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina / PPGH
Projeto Arbocontrol Rede Norte Pará - Cametá

Endereço: CFH, Bloco F, 6º andar, Campus Universitário – UFSC
Bairro Trindade, Florianópolis – SC, Brasil, CEP: 88040-970

E-mail: andrea.domingues@gmail.com

Benedita Celeste de Moraes Pinto

Doutorado em História Social

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura
Campus Universitário do Tocantins da Universidade Federal do Pará
Projeto Arbocontrol Rede Norte Pará - Cametá

Endereço: Rua Padre Antônio Franco, 2617, Cametá, PA, Brasil, CEP: 68.400.000

E-mail: celestepinto@ufpa.br

RESUMO

A pesquisa apresentada realiza discussões acerca das formas de interpretação que recaem sobre o trabalho do pesquisador que lida com as fontes orais, tendo como ponto de apoio a interdisciplinaridade, refletimos sobre a necessidade de se considerar as narrativas orais como fatos de linguagem, que articulam elementos políticos, simbólicos e ideológicos, considerando que tais fatos materializam-se nos discursos. Nesse sentido, o texto objetiva apresentar um exercício de análise sobre as narrativas dos moradores das margens e das matas da região do Rio Cupijó, referente às diferentes práticas de cura e formas de tratamento de saúde em seu cotidiano. Para tanto, procuramos estudar as formas de se fazer e significar as práticas culturais em torno dos tratamentos de saúde além da medicina tradicional, pois o uso das plantas medicinais no Brasil é uma prática cultural desde tempos remotos que vem sendo praticada até a contemporaneidade por diferentes gerações, sendo este costume uma tradição, principalmente no que tange a sintomas primários de cuidados com a saúde. Metodologicamente o trabalho está sendo

desenvolvido por meio de análises de memórias e por experiências de sujeitos que convivem cotidianamente na Vila Baia, nas proximidades do rio Cupijó, corpus de análise este adquirido através de entrevistas orais realizadas na pesquisa de campo participativa. Buscamos construir uma história dos sujeitos que praticam artes da cura, mantendo sempre o olhar político e histórico na leitura e interpretação de nosso corpus de análise, para que possamos de fato entender este movimento histórico, discursivo e cultural e seus sentidos para os moradores da região, dialogando com autores que trabalham as categorias de análise cultura, memória e discurso, tais como: HALL (2008), PORTELLI (1997) PINTO (2010), DOMINGUES (2017) E ORLANDI (2012), para que desta maneira possamos melhor compreender os sentidos e significados de práticas culturais referente a cura das dores do corpo.

Palavras-chave: cultura, linguagem, discurso, práticas de cura.

ABSTRACT

The research presented here discusses the forms of interpretation that fall upon the work of the researcher who deals with oral sources. Having as a support point the interdisciplinarity, we reflect on the need to consider oral narratives as facts of language, which articulate political, symbolic and ideological elements, considering that such facts are materialized in discourses. In this sense, the text aims to present an exercise of analysis on the narratives of the residents of the margins and forests of the Cupijó River region, regarding the different healing practices and forms of health treatment in their daily lives. To do so, we seek to study the ways of doing and meaning the cultural practices around health treatments beyond traditional medicine, because the use of medicinal plants in Brazil is a cultural practice since ancient times that has been practiced until the present time by different generations, this custom being a tradition, especially when it comes to primary symptoms of health care. Methodologically, the work is being developed by means of analyses of memories and experiences of subjects who live daily in Vila Baia, near the Cupijó River. This corpus of analysis was acquired through oral interviews carried out during participatory field research. We seek to build a history of the subjects that practice healing arts, always keeping the political and historical look in the reading and interpretation of our corpus of analysis, so that we can in fact understand this historical, discursive and cultural movement and its meanings for the residents of the region, dialoguing with authors who work the categories of analysis culture, memory and discourse, such as: HALL (2008), PORTELLI (1997) PINTO (2010), DOMINGUES (2017) AND ORLANDI (2012), so that in this way we can better understand the senses and meanings of cultural practices regarding the healing of body pains.

Keywords: culture, language, discourse, healing practices.

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresentado, tem como proposta dialogar de acordo com as novas tendências historiográficas, as diferentes práticas culturais acerca do uso das plantas medicinais no cotidiano dos moradores das margens e matas que cercam o rio Cupijó, populações estas que vem passando pelo processo de transformação conforme o crescimento urbano e ou desmatamento de florestas e poluição das águas da Amazônia

Tocantina, porém resistindo através de suas táticas (CERTEAU, 1994, p.121), negando o desaparecimento de suas práticas culturais e formas de se fazer.

Somente ao navegar pelas águas do rio Cupijó e caminhar em suas margens, podemos realmente notar estes sujeitos, dentro de suas práticas culturais, permeados de valores, costumes e intermináveis ensinamentos adquiridos ao longo de décadas de experiências de vida, pois:

Seja qual for o trabalho historiográfico que realizarmos envolvendo a cultura, ou as conceituações que possamos desenvolver para a cultura popular, será preciso admitir a impossibilidade de tratá-la (a cultura) no singular, pensada como capaz de abarcar em si mesma a história como totalidade, ou torná-la como fator dominante de todo o processo, a partir de pontos de vista classificatórios. Falamos sim de culturas no plural e nunca poderemos considerá-la como campo exclusivo de uma só disciplina, seja a história, seja a antropologia ou qualquer outro ramo do conhecimento do social. (FENELON, 1993, p. 28).

As memórias registradas de moradores das margens e das matas da região do Rio Cupijó, município de Cametá-Pará, consubstanciam-se em narrativas orais, imprescindíveis a este estudo, pois representam um universo peculiar que caracteriza o modo como cada um percebe, entende e interage com o seio social que se insere, no que condiz as práticas curativas baseadas na medicina tradicional e como nos afirma Domingues (2019, p. 16058) a “oralidade é uma importante fonte neste estudo, por ser um instrumento de formulação e de construção de memória discursiva, como produção de consciências e formulação de referências identitárias”.

Metodologicamente utilizamos pesquisa bibliográfica e levantamento de fontes orais. Nessa perspectiva, destacamos a História Oral que nos possibilitou entendermos aspectos sociais e cotidianos referentes práticas culturais. Realizamos entrevistas no local de escolha de cada narrador, pois ao trabalhar com trajetórias de vida é necessário que tenhamos uma relação de confiança com o entrevistado que se estende a cada conversa, assim ele busca em suas memórias momentos significativos de suas vidas.

Com a intenção de um diálogo solto, de uma conversa informal, não adotamos nenhum questionário, pois trabalhamos com a metodologia da História de Vida onde os narradores nos transmitiram os seus “relatos de vida”, ou seja, entrevistas temáticas sobre as respectivas práticas culturais em estudo. As entrevistas são transcritas e transformadas em documentos que permitiram análises e interpretações.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram escolhidos como narradores deste estudo por exercerem ou já terem exercido vínculos diretos ou indiretos com as práticas

de cura na região do Cupijó, sendo eles trabalhadores e trabalhadoras das matas e das águas, que mantêm vivo em seu cotidiano e memória as práticas culturais do saber da cura, além da medicina tradicional.

No que condiz a prática cultural do cultivo e uso das plantas medicinais está associada a saberes tradicionais que são passados de geração a geração e se relaciona também a conhecimentos básicos da medicina. O uso das plantas medicinais e o cultivo das mesmas no que podemos denominar de “farmácia viva” (PINTO, 2010, p. 97) possuem evidências de tempos diversos, pois sempre foram utilizadas como recursos naturais para cura de diversas doenças e muitas vezes como único mecanismo das enfermidades.

Todos os narradores ao participarem das entrevistas demonstraram em suas narrativas um desejo, uma necessidade de falar, de buscar lembranças do passado repensando suas experiências vividas, fazendo com que o momento da entrevista se torne um diálogo, uma troca de conhecimentos.

O texto em questão objetiva apresentar um exercício de análise, no que condizem as narrativas dos moradores das margens e das matas da região do Rio Cupijó, referente ao modo como lidam com a natureza, em busca de soluções para problemas de saúde em seu cotidiano. Para tanto, procuramos estudar as formas de se fazer e significar as práticas culturais em torno dos tratamentos de saúde além da medicina tradicional, principalmente no que tange os saberes e memórias individuais, coletivas e discursivas.

Buscaremos nas narrativas desses moradores construir um estudo a respeito do uso de plantas medicinais para tratar enfermidades que os afligem, a fim de que possamos compreender as diferentes manifestações culturais que traz marcas do “hibridismo cultural”, integradas por mudanças e permanência quanto à utilização dos recursos terapêuticos, a partir da miscigenação de conhecimentos, práticas e técnicas oriundos de diferentes culturas convencionais, uma vez que “as tradições não se fixam para sempre” e, as culturas são estabelecidas como forma de “lutas culturais” que constantemente se entrecruzam e fazem surgir “pontos de intersecção”, os quais devem ser tratados em suas especificidades (HALL, 2008, p.260).

Diante disso, interpretamos a partir dos discursos que, segundo Orlandi (2012), representa o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, e memórias apresentados nas narrativas orais, imagéticas e escritas as escolhas realizadas por esses moradores para aliviarem ou sanarem seus problemas de saúde, quer seja apoiadas nas

ações provenientes dos recursos da natureza, da fé ou da credibilidade que se deposita na indústria medicamentosa.

2 LINGUAGEM, CULTURA E A PRÁTICA CURATIVA

A linguagem ocupa hoje um lugar central na sociedade, pois é mediadora das relações do homem com seu entorno. Por seu caráter simbólico, é constitutiva e transformadora da realidade, daí a importância de conhecermos seu funcionamento para compreendermos os discursos que são produzidos e circulam na sociedade.

Nesse sentido, entendemos que a linguagem em sua relação com a sociedade, é compreendida como movimento, que sempre nasce de algo já dito, concebida como parte do que é o próprio do homem, enquanto ser histórico e simbólico. Desse modo, a linguagem adquire importância fundamental para que possamos compreender além do já dito e, especialmente aquelas esquecidas, apagadas e silenciadas pela historiografia oficial.

Os caminhos que são traçados ao entendimento da relação entre saúde e doença, necessitam perpassarem por várias campos de saber, pois, na atual conjuntura, os estudos sobre esses dois universos buscam valorizar abordagens que não se limite ao paradigma biomédico, contemplando o estado de saúde e doença como uma totalidade, fruto de si e de todo o universo sociocultural que o circunda.

Em consequência disso, o conhecimento sobre o conjunto de valores construídos acerca dos processos de saúde-doença torna-se uma peça fundamental para o entendimento das práticas culturais e estratégias utilizadas em diferentes comunidades como forma de resistência a prática médica ocidental.

Nas adjacências do rio Cupijó, as matas que cercam o vilarejo Baia, dispõe de uma diversidade de plantas medicinais, que auxiliam no tratamento de doenças, utilizadas como elementos de cura, para o tratamento das dores do corpo. Buscar conhecer, através da oralidade dos moradores a representatividade do que consideram pertinente a sua vivência, consiste em um exercício instigante e uma maneira de valorizar e divulgar conhecimentos peculiares que vem resistindo as práticas contemporâneas.

Nesse sentido, dona Joaquina Henrique da Cruz, senhora de 40 anos, casada, mãe de três filhos, lavradora que tem como renda, os produtos advindos da mandioca, nos recebeu, gentilmente, para dialogarmos na casa de forno que tem nos fundos de sua

residência. Apoiada em uma estrutura de madeira, com formato de canoa, que serve para depositar as mandiocas descascadas, nos conta:

[...] Intão as vezes genti senti sintoma, senti uma dô de barriga, já faz o cháde bodo e acarma...Amenizá...Se fo no fígado, né eli vai calmá...Aí, se dá uma gripe, escorre o nariz, genti já pega mato...Qui ti já...Qui ti usa cum remédio, né...Faz banho, pra banha cabeça, vai fazendo chá de limão [...].(Narrativa de Joaquina Henrique da Cruz, 2019)

No diálogo com dona Joaquina, foi possível perceber parte dos conhecimentos adquiridos e praticados cotidianamente, é em seus quintais ou no mato ao redor, que busca “acarmá, ameniza” os sintomas da dor no corpo. Os saberes dessas mulheres perpassam o conhecimento adquirido nos bancos escolares, mas sim na vida e no aprender diário de geração a geração, conhecer as plantas medicinais e as quais dores do corpo elas atendem, bem como as formas de preparo são saberes específicos de uma medicina da vida.

Apesar das inúmeras possibilidades apresentadas pela medicina formal, o uso das plantas medicinais a essas pessoas continuam sendo uma alternativa para o tratamento das enfermidades que os cometem, uma vez que muitas comunidades do interior de nosso país, especialmente de área rurais, ainda apresentam em seu meio o uso popular de plantas medicinais, como uma forma preventiva de tratamentos de diferentes dores no corpo.

Para tanto, no tempo presente, compreender a manutenção destes saberes tradicionais se faz fundamental, pois poderemos depreender como em tempos de avanços tecnológicos e interferências externas esses sujeitos sociais se organizam e realizam a transmissão destes saberes, pois essas intervenções podem provocar uma “fluidez” de práticas culturais que vem sendo acumuladas de geração a geração, produzindo novas identidades e ou resignificando valores (HALL,2008, p. 07).

No entanto, em algumas memórias, observamos que havia uma resistência no repasse desses saberes, a exemplo do que diz dona Elza, senhora de 54 anos de idade e moradora das matas do Cupijó, desde que nasceu, mãe de 08 filhos, católica, trabalhadora rural, no cultivo de maniva e mandioca, a qual nos recebeu em sua residência que se localiza ao redor do barracão, assim com as demais residências visitadas, onde realizam as festividades dos santos que cultuam:

[...]Naqueli tempo inda, eu era muito piquixita, ainda..Num tenhu assim, essas coisas dus remédios qui elis fazia...Mermo de antis...Como era essi

coisa...Era coisa qui.. Num é como hoje...Qui diante gente num ia se pô lá...Igual como é hoje, por exemplo...Hoje elis queri tá em cima...As criança queri tá em cima...elis queri sabê...Tá perguntando...Naquela época nãu...Genti tinha qui ficá separadu...Pra num tá lá perto...Aquilo era partidus adultos mermo que pertencia pra lá...As criança eru fora...Então e por isso qui enti num tem aquela sabedoria...De, por exemplo, sabê do qui é qui elis faziam, como é qui elis davu, qual é a erva[...]. (Narrativa de Elza Maria, 2019)

Estudar as práticas culturais, o ofício da arte da cura foi muito mais do que identificar o uso da medicina popular, que é além da medicina biomédica, tratou-se também de entender as práticas cotidianas como cultura, pois como nos diz ÉCLEA BOSI:

A concepção da cultura como necessidade satisfeita pelo trabalho da instrução leva a atitudes que reificam, ou melhor, condenam a morte os objetos e as significações da cultura do povo porque impedem ao sujeito a expressão de sua própria classe (BOSI, 1996, p.17).

Estudar as práticas culturais e maneiras de fazer dos moradores das matas e das margens do Rio Cupijó coloca em evidência pessoas comuns (HOBSBAWN, 2000, p.216-231) e seus modos de viver, tratando-se, portanto, de refletir sobre esses homens, mulheres, trabalhadores e trabalhadoras em sua dinâmica social, repletos de significados.

Depara-se nesta pesquisa com indagações de que mesmo com o avanço da modernidade, os usos e costumes, através desses meios alternativos de cura, mantém sua permanência, hibridando com as diferentes culturas as mais diferentes forças dominantes. Néstor Garcia Canclini, sobre hibridismo cultural, menciona:

Considero atraente tratar hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e outros vocabulários empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual destes conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas sim (...) tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meio a suas diferenças, e aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se. (CANCLINI, 1998, p. 39).

A partir dessa discussão como cultura, propôs-se então construir um olhar sobre os diferentes sentimentos e maneiras de fazer relacionados a cura das dores do corpo, e ainda neste sentido Canclini (1998), traz a discussão do Hibridismo Cultural como uma mistura de costumes, espaços e tempos, onde há disputas sociais, em sua maioria conflituosas.

Dona Elza, trouxe em suas memórias dicas para estas pesquisadoras problematizarem como esses saberes são transmitidos, observa-se que ao dizer que “nun é como hoje” nossa narradora demonstra como em tempos passados o saber não era permitido para as crianças e sim algo trocado entre os adultos, tema este que iremos em outro momento desta pesquisa aprofundar.

Dona Elza traz em sua narrativa diferentes tempos, realiza um ir e vir da memória, mostrando também como “Então e por isso qui enti num tem aquela sabedoria...”, ou seja, ao narrar este trecho é perceptível o sentimento de Elza em não ter podido aprender quando criança os saberes da cura e que tal ação pode ser uma das consequências da falta de conhecimento do uso das ervas.

Em outros discursos era perceptível o interesse de se propagar os saberes tradicionais, os quais aparecem sempre ligados ao seus aspectos práticos (o fazer), como relata o senhor Joaquim, um dos colaboradores da pesquisa. No dizer do senhor Joaquim Mariano, senhor de 67 anos, pai de 06 filhos, agricultor, aposentado e fazedor de garradas de ervas medicinais que nos atendeu próximo ao campo de futebol de vilarejo e a casa de forno:

[...]Eu aprendi cum velho...Cum velhus pai, né...Porque eu via papai fazê, a mamãe fazia...Ficava observando...As vez ti...Mamãe tô Cuma diarreia...Vou fazê um chá de tal coisa pra ti...Nós i...Mostrava o qui era a pranta...Ti foi aprendendo assim...Sempri, sempri meus filhu, netu fazem...Num é todum momento qui tão correndo pa cidade...Primeiro elis fazem...Primeiru sucorro da genti é remediou caseiru, né[...]. (Narrativa de Joaquim Mariano, 2019)

Seu Joaquim diferentemente de dona Elza demonstra como aprendeu a arte da cura “cum velho”, ou seja porque “Ficava observando...”. A memória é o elo de ligação que esses homens tem com o passado, são “situações vividas,(...) plenas de significados” (BERNARDO, 1998, p. 29) . Para tal, é necessário observar que esses significados são importantes na visão de mundo de quem os viveu, são significados múltiplos, que misturam e fazem aflorar sentimentos harmoniosos ou conflituosos, que se encontram por vezes silenciados na memória dessas pessoas e que no momento da narrativa podem achar espaço ou visibilidade.

Percebemos que esse tipo de relação familiar é muito comum em comunidades rurais, a exemplo da vila Baia, fundada pela família Baia, onde a agricultura familiar é vigente, como a produção da farinha, valoriza o convívio diário entre as gerações, onde

são repassados não apenas o modo como se deve lidar com a natureza no processo de produção, mas também com questões relativas às crenças, à valores e ao seu meio cultura (COUTINHO, 2002; MEIRELLES, 2002).

É neste dialogo entre os aspectos culturais entrelaçados nas práticas curativas que nos propomos a executar este estudo, pois há uma grande parte das populações que ainda utilizam da medicina tradicional, principalmente na atenção primária, colocando em prática seus saberes culturais que são vivenciados de geração a geração.

Dessa maneira, a pesquisa buscou caminhar, na perspectiva de se aprofundar o diálogo da linguagem, dos aspectos culturais com as práticas curativas, observando os usos e abusos das tradições e saberes culturais e como os sujeitos participantes desse processo interagem neste contexto.

Essas inquietações em buscar conhecer como os moradores das proximidades do rio Cupijó manifestam-se em seus discursos as práticas de cura, tanto para tratar da enfermidade que os acometem quanto aos que pertencem ao seu convívio, assim como conhecer as influências culturais a essa decisão consubstancia-se na mola propulsora para compreensão de uma história do presente.

Fazer uma história do presente (POLLACK, 1992, p. 212) é suscitar indagações e buscar novas perspectivas para a compreensão de diferentes sujeitos e em nosso caso, o papel da mulher na história da arte da cura e como esta está sendo significada de geração a geração e sua relação com a medicina tradicional.

A vantagem da história no debate sobre medicina baseada em evidências, em um exemplo sugerido por Berridge (2000) seria justamente sua capacidade de formular questões mais amplas que outros não farão. Em segundo lugar, a análise histórica também possibilitaria a compreensão contextual e sociológica das políticas de saúde evitando visões conspiratórias, instrumentais e acusatórias, típicas dos embates políticos e ideológicos da saúde coletiva. (ALVES; PAIVA; HOCHMAN, 2008, p. 12)

Diante disso, entendemos que a representação da realidade das pessoas, ou seja, do seu cotidiano, é permeada por símbolo que favorecem os mais distintos processos de interpretação. Nesse sentido, A Análise do Discurso, doravante AD, permite uma relação mais próxima com a linguagem, uma vez que o discurso é a prática da linguagem que intermedia a relação do sujeito e das práticas de cura.

3 ASPECTOS DA LINGUAGEM NA ANÁLISE DO DISCURSO

Desde a antiguidade vários estudos foram realizados, embora não sistematizados, sobre a linguagem e sua produção de sentidos, o que é de interesse direto da AD. No entanto, somente nos anos de 1960 é que a AD ganha força com a linguística, o marxismo e a psicanálise, mas não fica preso nestes campos do conhecimento, indo bem além de suas fronteiras (ORLANDI, 2012).

Para que possamos realizar a análise do discurso de moradores do cupijó, tendo em vista a identificação de aspectos culturais nas práticas curativas, estamos dialogando com sujeitos da Vila Baia, a fim de que possamos localizar e compreender suas formas de viver, suas relações sociais, e a maneira como se relacionam com os saberes tradicionais.

Desta maneira há necessidade de buscar outras memórias, passando pela dificuldade de no diálogo com as entrevistadas fazer com que a conversa extrapole essa memória co-nstituída, que é uma tarefa difícil, porém não impossível, pois como diz Portelli:

O trabalho de campo é, por necessidade, um experimento em igualdade, baseado na diferença. É preciso que sempre exista uma linha de diferenças, que depois de transpostas, torne-se plena de significado, mas é necessário que exista também uma “linha”, segundo o qual possamos comunicar o desejo de encontrar um terreno e uma linguagem comuns que possibilitem a troca.” (PORTELLI, 1997, p.13)

Então, a busca da troca da linguagem, de percepções imagéticas ofuscadas pelos moldes capitalistas, nos proporcionam um aprendizado constante de experimentos de igualdades que possuem o desejo e o diferente na fala de cada sujeito, que procuramos ouvir e aprender um pouco sobre a vida de cada uma e suas experiências. São as narradoras que possuem e viveram as informações que buscamos. Nesse sentido, Portelli (1997) ao se referir aos seus narradores diz que “podemos ter status, mas são eles que têm informações, e gentilmente compartilham conosco.

Sendo assim, procuramos compreender os discursos, a construção do imaginário social a partir das narrativas orais, símbolos e textos escritos que apresentem as diferentes formas de se pensar, agir e falar sobre as artes da cura nas margens e matas do rio Cupijó.

Trabalhar a memória e a análise do discurso é fundamental para compreendermos as relações sociais que se estabelecem, pois o ir e vir da memória faz com que se reviva experiências de tempos passados. Segundo Domingues (2011, p.20), “as memórias são experiências historicamente construídas e constantemente

modificadas que fazem do passado uma dimensão importante na constituição do presente.”

A medida que nos propormos pensar a linguagem, cultura, discurso e os saberes das artes de cura praticado pelos moradores do Cupijó, desenvolvemos metodologicamente a interdisciplinaridade da AD. Neste contexto entendemos que os dispositivos teóricos da AD nos permitem pensar a ação da ideologia nos diferentes discursos que determinam esses moradores.

Frente a isso, registrar memórias sobre as práticas de cura em um vilarejo do Cupijó, indubitavelmente, consiste em oportunidade de contribuir para inserir os saberes existentes nos discursos desses sujeitos, assegurando que as palavras não consistem em propriedade particular e que a linguagem só faz sentido porque se “inscreve na história.” Elas significam pela história e pela língua. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.” (ORLANDI, 2012, p. 32).

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O texto perpassa pela vertente do discurso que é o lugar possível no qual se observa a relação entre a linguagem e cultura, apresentado uma dimensão diferenciada, no que condiz as práticas de cura realizadas pelos moradores das matas e do rio cupijó. Nesse sentido, Orlandi (2012) destaca que é pelo discurso que podemos compreender os modos pelos quais se dá a individuação do sujeito. Os processos identitários se fazem em diferentes espaços de memória.

Entendendo as artes da cura como um espaço onde o sujeito se constitui de – e – na linguagem, que possui historicidade que compõe a memória, pois:

A intenção de superar a análise histórica, sob o ponto de vista das totalidades, tem conduzido cada vez mais historiadores à investigação da micro-história e ao uso da Análise de Discurso de linha francesa, que propõe a compreensão dos nexos e das relações sociais imbricadas nas formas de significar da atividade humana em todas as suas manifestações. É a partir desta intenção que se fala em totalidade, traduzida na compreensão de novos temas de pesquisa relacionados com as particularidades da vida cotidiana e que vêm sendo discutidos entre analistas de discurso e historiadores. (DOMINGUES; CARROZA, 2013, p.08)

Nesta perspectiva, percebemos que ao longo do tempo, especialmente, pela introdução de novos hábitos, a medida que se privilegiam o que vem de fora, torna-se

fundamental registrar essas memórias, exteriorizadas pelo discurso que emana objetos simbólicos que produzem sentidos, sendo investidos de significância para e por sujeitos.

Através das memórias dos nossos narradores e narradoras, é possível perceber permanências e rupturas de uma sociedade frente ao processo de modernização, bem como, as disputas pelo espaço que são articuladas pelos diferentes segmentos sociais.

Contudo, nas lembranças destes homens e mulheres simples, encontramos “retratos” do passado, de seus lugares, quintais, dos sujeitos que nela viveram e dos que ainda por aqui estão.

Neste sentido, o trabalho com a História Oral é de suma importância para esta pesquisa, pois ela nos aproxima do outro, da sua história de vida, nos ajuda a superar preconceitos e nos mostra uma nova abordagem da pesquisa, uma abordagem que por inúmeras vezes, se encontra ausente dos livros e documentos escritos.

Sendo assim, a História Oral é uma metodologia bastante complexa, pois ela propõe ao pesquisador sair do universo acadêmico, a se expor como sujeitos que somos. Nas palavras de Portelli:

No lugar de descobrir fontes, partidários da história oral de certo modo as criam. Longe de se tornarem meros intérpretes do operariado, eles podem estar usando as palavras do povo, mas são ainda responsáveis pela totalidade do discurso. (PORTELLI, 1997, p.37).

Portanto, o discurso constitui para estas pesquisadoras as formas de se dizer, significar dos moradores ribeirinhos e das matas em torno das artes da cura como sujeitos sociais, que desempenha uma atuação dentro de suas famílias e comunidades e que direta ou indiretamente estão relacionadas aos saberes tradicionais da Amazônia Tocantina.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernando P. PAIVA, Carlos H, Assunção; HOCHMAN, Gilberto. História, saúde e seus trabalhadores: da agenda internacional às políticas brasileiras. In: **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: ABRASCO, v.13., n.03, 2008.

BERNARDO, Terezinha. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo**. São Paulo: EDUC, 1998.

BERRIDGE, Virginia. History in Public Health: who needs it? **The Lancet**, v. 356, December 2, 2000. Disponível em: http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt_667297179.pdf . Acessado em 12 de janeiro de 2021.

BOSI, Éclea. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Ed.Vozes. 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. São Paulo: Ed. Vozes, 1994.

COUTINHO, D.F; TRAVASSOS, L.M.A; AMARAL, F.M.M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no estado do Maranhão – Brasil. **Visão Acadêmica**. V.3, n.1, p.7-12, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/493>. Acessado 10 de dezembro de 2019.

DOMINGUES, Andrea Silva. **Cultura e Memória - A festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis - MG**. Pouso Alegre - MG : UNIVÁS, 2017. Disponível em: <https://www.univas.edu.br/docs/biblioteca/CulturaeMemoriaAFestadeNSdoRosarionacidadedeSilvianopolis.pdf> Acessado em 12 de dezembro de 2019.

DOMINGUES, Andréa Silva. **A arte de falar: redescobrimo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS**. Jundiá: Paco Editorial, 2011.

DOMINGUES, Andrea Silva. CARROZZA, Newton Guilherme. Algunas cuestiones metodológicas: Historia Oral, discurso y memoria. In: **Anais de artigos completos de XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Mendoza- Argentina. UNCUYO, 2013.

DOMINGUES, Andrea Silva. Festa de congada como um acontecimento histórico e discursivo: resistência, discurso e memória. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 9, p.16056-16069 sep. 2019. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/3377/3225>. Acessado em 04 de abril de 2020.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. **Revista Projeto História**, PUC-SP, n.10. São Paulo: EDUC, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre história: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso – Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Belém: Açáí, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acessado em 09/08/2020. Acessado em 09 de agosto de 2019.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. **Revista Projeto História**, PUC-SP, n. 14, fev.1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>. Acessado em: 15 de dezembro de 2019.